GEORGE ELIOT

Silas Marner

o tecelão de Raveloe

Tradução de
JULIA ROMEU

1ª edição

JOSÉ OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Eliot, George
E42s Silas Marner: o tecelão de Raveloe / George Eliot;
tradução Julia Romeu. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

Tradução de: Silas Marner
ISBN 978-85-03-01313-0

1. Romance inglês. I. Romeu, Julia. II. Título.

Título original inglês:
SILAS MARNER

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e promoções.

ISBN 978-85-03-01313-0

Impresso no Brasil
2017

Parte 1

1

No tempo em que a roda de fiar ainda zumbia sem parar nas casas de fazenda — quando mesmo as grandes damas, cobertas de seda e renda, tinham exemplares pequenos de rodas de carvalho polido —, havia em alguns lugarejos distantes, andando pelas estradas ou subindo as colinas, certos homens pálidos, de baixa estatura, os quais, se comparados aos camponeses musculosos, pareciam pertencer a uma raça amaldiçoada. O cachorro do pastor latia ferozmente quando um desses homens estranhos surgia na região, com a silhueta escura recortada contra o poente invernal; afinal, que cão não latiria para uma figura que anda vergada ao peso de um enorme saco? E tais homens pálidos raramente eram vistos sem esse fardo misterioso. O próprio pastor, embora tivesse razão para acreditar que o saco não continha nada além de fios de linho ou rolos do tecido resistente feito com eles, ficava desconfiado, pensando se o ofício de tecelão, ainda que indispensável, podia ser efetuado sem alguma ajuda do demônio. Naquele tempo remoto, havia muita superstição em torno de qualquer pessoa ou objeto raramente visto, ou que surgisse apenas de maneira esporádica, intermitente, como os caixeiros-viajantes ou os amoladores de facas. Ninguém sabia onde aqueles nômades moravam nem de onde vinham: e como entender um homem sem ao menos conhecer

alguém que conhecera seus pais? Para os camponeses de antigamente, o mundo do qual não tinham uma experiência direta era uma região vaga e misteriosa: em suas mentes tacanhas, a vida na estrada era tão obscura quanto a vida levada durante o inverno pelas andorinhas que só ressurgiam na primavera. Até mesmo alguém que se estabelecesse na região, vindo de algum lugar distante, continuava quase sempre a ser visto com certa desconfiança e, se algum dia viesse a cometer um crime, depois de anos de conduta inofensiva, não causaria nenhuma surpresa, principalmente se exibisse algum conhecimento ou habilidade manual. Toda demonstração de esperteza, fosse no manejo desse instrumento tão complexo, na língua, ou em qualquer outro ofício estranho aos aldeões, era por si só suspeita. Gente honesta, nascida e crescida à vista de todos, quase nunca era sabida ou esperta demais — pelo menos, não em assuntos que fossem além da previsão do tempo; e os processos através dos quais a destreza e a agilidade de qualquer espécie costumavam ser adquiridas eram tão ignorados que ganhavam uma aura de magia. Por causa disso, aqueles tecelões — emigrando das cidades para o interior — nunca deixaram de ser vistos por seus rústicos vizinhos como seres bizarros, e com isso acabaram por desenvolver os hábitos excêntricos que são intrínsecos à solidão.

Nos primeiros anos deste século,* havia um tecelão assim, chamado Silas Marner, que trabalhava numa casinha de pedra erguida em meio às sebes próximas da cidade de Raveloe, a poucos quilômetros de uma pedreira abandonada. O estranho som do tear de Silas, tão diferente do martelar alegre da máquina de peneirar o trigo, ou do ritmo mais simples do mangual, exercia um misto de medo e fascínio sobre os meninos de Raveloe, que muitas vezes deixavam de catar nozes ou caçar passarinhos para espiar através da janela do chalé de pedra. Em oposição a uma certa reverência diante do movimento misterioso do tear, surgia então entre eles uma sensação de

* O século XIX. (*N. da T.*)

superioridade desdenhosa, provocada pelos ruídos engraçados que o instrumento emitia e pela própria postura do tecelão, empurrando a roda todo encurvado. Mas às vezes acontecia de Marner, parando para ajustar alguma irregularidade na linha, perceber a presença dos pequenos patifes. Ficava tão furioso com tais intromissões que, embora avaro com o próprio tempo, descia do tear e, abrindo a porta, fixava nos meninos um olhar que sempre era suficiente para fazê-los debandar, aterrorizados. Afinal, quem poderia supor que aqueles olhos castanhos, grandes e protuberantes, cravados na face pálida de Silas Marner, mal podiam discernir o que não estava logo ali na sua frente? E quem garantia que aquele olhar amedrontador não pudesse provocar câimbras ou transformar em anão ou deixar com a boca torta qualquer menino que por acaso estivesse mais para trás? Talvez eles houvessem ouvido os pais dizendo que Silas Marner tinha o poder de curar reumatismo se quisesse, acrescentando, num tom ainda mais soturno, que quem adula o demônio pode economizar o dinheiro do médico. Esses ecos estranhos sobre o velho culto ao diabo talvez ainda possam ser escutados por qualquer ouvinte atento entre os camponeses mais velhos; afinal, uma mente rude tem dificuldade em associar o poder a algo benigno. Uma ideia obscura do poder como algo que necessita de muita persuasão para não provocar o mal é a concepção que esses homens simples têm do desconhecido, sempre oprimidos por necessidades primitivas e para os quais uma vida de trabalho duro jamais foi iluminada pelo entusiasmo da fé religiosa. Para eles, a dor e a infelicidade apresentam uma gama muito mais ampla de possibilidades do que a alegria e o deleite. Sua imaginação é praticamente imune às imagens que alimentam o desejo e a esperança, sendo ao mesmo tempo repleta de recordações permeadas pelo medo. "Há alguma coisa que você gostaria muito de comer?", perguntei certa vez a um velho empregado que, no estágio final de uma doença, recusara todo alimento que a mulher lhe oferecera. "Não", foi a resposta, "Nunca na vida comi nada que não fosse

comida comum, e isso não consigo engolir agora." A experiência não deixara nascer nele fantasias que lhe pudessem alimentar o apetite.

E Raveloe era uma aldeia onde muitas das antigas crenças resistiam, na falta de novas vozes. Não que fosse uma daquelas paróquias áridas à margem da civilização, habitadas por ovelhas magras e pastores esparsos. Ao contrário: ficava bem no centro da rica planície central do país que gostamos de chamar de Querida Inglaterra, e tinha fazendas que, de um ponto de vista espiritual, pagavam dízimos muito desejáveis. Mas encontrava-se encravada num baixio coberto de árvores, distante uma hora a cavalo de qualquer estrada, aonde não chegavam nem os rumores das carruagens nem da opinião pública. Era uma aldeia de ar importante, tendo ao centro uma bela igreja antiga e um grande cemitério, e mais duas ou três residências feitas de tijolo e pedra, com pomares murados e cata-ventos nos telhados, que, debruçadas sobre a rua, tinham fachadas mais imponentes que a da casa do pastor da igreja, escondida em meio às árvores em frente ao cemitério. Uma aldeia que exibia os píncaros de sua vida social, mostrando a olhos mais acurados não possuir nas vizinhanças nenhuma mansão com um imenso jardim. O que havia em Raveloe eram vários pequenos proprietários, com fazendas mal cuidadas que, naqueles ricos tempos de guerra,* eram lucrativas o suficiente para permitir-lhes viver vidas patuscas, celebrando com fartura o Natal, o Pentecostes e a Páscoa.

Fazia 15 anos que Silas Marner viera para Raveloe. Naquela época, era apenas um rapaz pálido, com olhos míopes, escuros e protuberantes, cuja aparência não teria nada de especial para pessoas com alguma cultura e experiência, mas que, para aqueles aldeões perto dos quais viera se estabelecer, tinha ares misteriosos, tese reforçada pela natureza excepcional de seu ofício e pelo fato de ser procedente de uma região estranha chamada "o Norte". Assim, tinha sua maneira

* As guerras napoleônicas (1803–1815). (*N. da T.*)

de viver: não convidava ninguém para entrar em sua casa, jamais ia à cidade para tomar uma cerveja no Rainbow ou conversar na oficina do construtor de carroças. Não queria a companhia nem de homem nem de mulher, exceto por razões profissionais ou para se suprir de alguns itens necessários. Além disso, logo ficou claro para as moças de Raveloe que jamais insistiria em as importunar com galanteios — como se tivesse mesmo ouvido seus comentários de que nunca se casariam com um morto que tinha voltado à vida. Essa maneira de descrever Marner tinha outro motivo além de seu rosto pálido e dos olhos extraordinários: é que Jem Rodney, o caçador de toupeiras, afirmava que um dia estava voltando para casa quando viu o tecelão encostado num portão levando um pesado saco às costas, em vez de ter arriado o peso como qualquer homem sensato faria. Então, ao se aproximar, percebeu que os olhos de Marner estavam fixos como os de um cadáver. Falou com ele, sacudiu-o e notou que seus braços e pernas estavam duros e que as mãos agarravam o saco como se fossem feitas de ferro. Quando finalmente se convenceu de que o tecelão estava morto, o homem ficou bom de novo num piscar de olhos, desejou-lhe "boa noite" e foi-se embora. Jem jurava ter visto tudo isso no exato dia em que fora caçar toupeira nas terras do Squire Cass, perto do fosso de serrar madeira. Alguns disseram que Marner devia ter sofrido um "ataque", palavra que parecia capaz de explicar muitas coisas incríveis. Mas o Sr. Macey, escrivão da paróquia, homem muito argumentativo, balançou a cabeça, dizendo que nunca se viu um homem ter um ataque e não cair no chão. Um ataque era um derrame, não era? E um derrame sempre deixava um homem sem parte dos movimentos das pernas, fazendo-o depender de caridade, se não tivesse filhos para sustentá-lo. Não, não. Não existe ataque que permita a um homem continuar de pé, como um cavalo amarrado no poste, e de repente sair andando, antes que se tenha tempo de dizer "Ei!". Mas existem, sim, coisas como a alma sair do corpo e depois voltar, como um pássaro que retorna ao ninho. E era assim que os homens se

tornavam sábios demais, pois iam, sem a casca do corpo, se encontrar com aqueles que sabem coisas que seus vizinhos nunca vão aprender, pois só podem usar os cinco sentidos e os sermões do pastor para se instruir. E onde foi que Marner conseguiu aprender tanto sobre ervas e também sobre as simpatias que não gostava muito de mostrar? O que Jem Rodney tinha contado era o que qualquer um podia esperar depois de ter visto Marner curar Sally Oates, fazendo-a dormir como um bebê depois de, por mais de dois meses, seu coração bater quase a ponto de explodir sem que nenhum médico desse jeito. Ele poderia curar mais gente, se quisesse. De qualquer maneira, era bom que o tratassem muito bem, caso contrário poderia fazer algo contra eles.

Foi em parte por causa desse medo vago que Marner escapou de ser perseguido por suas singularidades, mas foi também porque, com a morte do velho tecelão da paróquia vizinha de Tarley, tornara-se muito bem-visto entre as senhoras mais ricas da região e mesmo entre os lavradores mais precavidos, que acumulavam um pequeno estoque de fios de lã ao final de cada ano. A constatação de que o tecelão era útil contrabalançava qualquer repugnância ou suspeita que não fosse confirmada pela qualidade ou quantidade do tecido que Marner fazia para eles. E assim os anos se passaram sem que mudasse em nada a ideia que os aldeões faziam dele, exceto a transformação da novidade em hábito. Ao fim de 15 anos, os homens de Raveloe continuavam dizendo de Marner o mesmo que diziam no começo. Não falavam com a mesma frequência, mas, quando o faziam, acreditavam com ainda mais convicção. Havia apenas uma novidade: como conseguira juntar uma boa quantidade de dinheiro, Marner se tornara mais rico que homens "superiores" a ele.

Porém, embora a opinião sobre o tecelão se mantivesse quase estacionária, e seus hábitos diários não apresentassem qualquer mudança visível, sua vida pessoal sofrera uma metamorfose, como em geral acontece quando uma natureza ardente teve de fugir ou foi condenada a se refugiar na solidão. A vida de Marner, antes da vinda para Raveloe, fora repleta de movimento, de atividade mental, de ca-

maradagem. São coisas que, naquela época, como agora, costumam permear os dias dos artesãos que participam desde cedo de uma seita religiosa fechada, em que o mais pobre dos leigos tem a chance de se distinguir por meio do dom da palavra e possui, ao menos, o direito de votar nas decisões da comunidade. Marner era muito querido nesse mundinho oculto, que referia a si mesmo apenas como a comunidade que se reunia no Pátio do Lampião. Era considerado um jovem de vida exemplar e fé inabalável e se tornara motivo de especial atenção desde o dia em que, durante um culto, caíra num estado de misteriosa rigidez e inconsciência, o qual, tendo durado uma hora ou mais, fora confundido com a morte. Para o próprio Silas, assim como para o pastor e seus seguidores, tentar buscar uma explicação médica para o fenômeno teria sido apartar-se de forma deliberada do significado espiritual nele contido. Sem dúvida, Silas fora escolhido para uma missão especial, e, embora o esforço de interpretar qual era a missão fosse desencorajado pelo fato de o rapaz não ter tido qualquer visão espiritual durante o transe, ainda assim, tanto ele quanto os demais acreditavam que seu efeito era uma ascensão de iluminação e fervor. Um homem menos honrado talvez fosse tentado a construir posteriormente uma visão, buscando-a no fundo da memória; um homem menos são teria acreditado em tal invenção. Mas Silas era honrado e são, embora para ele, como acontece com muitos homens honestos e fervorosos, a cultura não tivesse definido canais para seu senso de mistério, fazendo-o se espalhar pelo caminho correto da pesquisa e do conhecimento. Silas herdara da mãe alguma intimidade com as ervas medicinais e sua preparação — pequeno estoque de sabedoria que ela lhe passara como uma herança solene —, mas, nos últimos anos, vinha alimentando dúvidas quanto à aplicação desse saber, na crença de que as ervas não eram eficazes sem a prece, e de que talvez a prece fosse suficiente sem as ervas. Dessa forma, o prazer herdado da mãe, de vagar pelos campos em busca de erva-dedaleira ou dente-de-leão, começava a assumir para ele o caráter de tentação.

Dentre os membros de sua igreja havia um rapaz, pouco mais velho do que Silas, pelo qual ele cultivava tão longa amizade que seus camaradas do Pátio do Lampião costumavam chamá-los de David e Jonathan.* O verdadeiro nome do amigo era William Dane, e ele também era considerado um exemplo de fé juvenil, embora às vezes fosse um pouco rigoroso com seus irmãos mais fracos e tão impressionado com a própria iluminação que se considerava mais sábio que seus mestres. Mas, por mais que os outros vissem defeitos em William, para Silas ele era perfeito. Marner tinha uma dessas naturezas inseguras e impressionáveis, as quais, na juventude, admiram aqueles que são autoritários e se perdem em contradições. A simplicidade confiante no rosto de Marner, acentuada pela falta de observação mais acurada e aquele jeito indefeso e manso que costuma marcar quem tem olhos proeminentes, contrastava fortemente com a expressão de mal disfarçada satisfação presente nos olhos estreitos e oblíquos e nos lábios comprimidos de William Dane. Um dos tópicos mais frequentes na conversa entre os dois amigos era a certeza da salvação:** Silas confessava que jamais chegara a sentir nada além de uma esperança mesclada a medo, e escutava com grande admiração enquanto William declarava ter certeza absoluta desde que, na época de sua conversão, sonhara com as palavras "chamado" e "eleição certa" escritas sobre uma página em branco da Bíblia aberta. Colóquios como esse ocupavam muitas duplas de tecelões pálidos, cujas almas rústicas eram como seres alados, flutuando a esmo no crepúsculo.

Ao inocente Silas, parecia que sua amizade não sofrera o menor abalo, nem mesmo após ele formar outra ligação de caráter mais íntimo. Havia alguns meses, Silas estava noivo de uma jovem criada, à

---

* Em português, equivalem aos personagens bíblicos Davi e Jônatas. (*N. do E.*)

** Certeza de que os eleitos por Deus receberão a salvação, crença de algumas religiões protestantes, em especial o calvinismo. George Eliot não especifica qual é a religião de Silas, mas descreve práticas comuns entre os não conformistas que se separaram da Igreja Anglicana e formaram suas próprias seitas a partir do século XVI. (*N. da T.*)

espera apenas de um aumento na renda de ambos para que se efetivasse o casamento. E ele ficava feliz em ver que Sarah não se incomodava com a eventual presença de William em seus encontros dominicais.

Foi nesse período da história deles que aconteceu o transe cataléptico de Silas durante o culto. E, em meio às inúmeras perguntas e manifestações de interesse e simpatia vindas de seus companheiros, William foi o único a fazer um comentário que destoou dos demais. Para ele, o transe se parecia mais com uma visita de Satanás do que com uma prova de bênção divina, e exortou o amigo a certificar-se de que não guardava nada de maléfico nos recônditos da alma. Silas, que considerava um dever aceitar admoestações como avisos fraternais, não ficou ressentido; mas doeu-lhe perceber as dúvidas do amigo. A isso, logo foi acrescentada uma certa ansiedade diante da percepção de que a atitude de Sarah para com ele passara por uma estranha transformação, variando entre o esforço em manifestar carinho excessivo e sinais involuntários de frieza e desapreço. Silas perguntou se a moça queria romper o noivado, mas ela negou: o noivado deles fora reconhecido no culto; portanto, não podia ser rompido sem uma séria investigação, e Sarah não via justificativa que pudesse ser sancionada pela comunidade.

Nessa época, o diácono principal caiu gravemente doente. Por ser viúvo e sem filhos, quem cuidava dele dia e noite eram os jovens, rapazes e moças da igreja. Silas em geral dividia o turno da noite com William, que ia rendê-lo às duas da manhã. O velho começava a apresentar uma melhora, contrariando as expectativas, quando, em determinada noite, Silas, estando de pé junto à cama, notou que não lhe ouvia a respiração, normalmente audível. A vela estava quase no fim e foi preciso erguê-la para examinar melhor o rosto do paciente. O escrutínio convenceu Silas de que o diácono estava morto — havia algumas horas, na verdade, pois seus membros estavam rígidos. Silas se perguntou se estivera cochilando e olhou o relógio: eram quase quatro horas da manhã. Por que razão William não viera rendê-lo?

Muito nervoso, saiu para buscar ajuda, e logo a casa estava cheia de gente, entre eles o pastor. Silas então saiu para trabalhar, lamentando não poder ir procurar o amigo para saber o que o tinha feito não aparecer. Mas, às seis, quando Silas ainda pensava em sair para procurar o amigo, William surgiu acompanhado do pastor. Vinham buscá-lo para ir ao Pátio do Lampião, onde haveria um encontro de membros da igreja. Quando Silas perguntou qual era a razão da reunião, recebeu como resposta apenas um "Você saberá". Nada mais foi dito até que Silas se viu sentado na igreja diante do pastor, tendo fixos nele os olhos solenes de todos aqueles que considerava o povo de Deus. Então o pastor mostrou a Silas um canivete, perguntando se ele se lembrava de onde o tinha deixado. Silas respondeu que, pelo que sabia, o canivete estava em seu bolso — já trêmulo diante daquele estranho interrogatório. Ouviu, então, uma exortação para que não escondesse o próprio pecado, mas confessasse e mostrasse arrependimento. O canivete fora encontrado na escrivaninha ao lado da cama do finado diácono — no mesmo lugar onde antes estivera guardado o saco de dinheiro da igreja, saco que o próprio pastor vira ali no dia anterior. Alguém o roubara. E que mão poderia tê-lo feito, senão a do homem a quem pertencia o canivete? Por um tempo, Silas ficou mudo de espanto. Então, disse:

— Deus provará minha inocência. Não sei como o canivete foi parar lá, nem sei do dinheiro. Podem me revistar e procurar em minha casa. Não vão encontrar nada além das três libras que economizei, dinheiro que William sabe muito bem que guardo há seis meses.

Diante disso, William murmurou alguma coisa, mas o pastor interveio:

— São muitas as provas que o incriminam, irmão Marner. O dinheiro desapareceu na noite passada e ninguém esteve com nosso finado irmão além de você, porque William Dane declara que ia rendê-lo, como faz sempre, mas que você próprio pediu que ele não fosse. Além disso, você não percebeu que o diácono tinha morrido.

— Devo ter dormido — disse Silas. E, depois de uma pausa, acrescentou: — Ou talvez tenha tido mais uma daquelas iluminações que vocês todos já viram. O ladrão pode ter entrado e saído enquanto eu estava fora do meu corpo. Repito: façam uma busca na minha casa, pois não estive em nenhum outro lugar.

A busca foi feita e terminou com William Dane encontrando o conhecido saco, vazio, enfiado atrás do gaveteiro do quarto de Silas! Diante disso, William implorou que o amigo confessasse e não continuasse a esconder seu pecado. Silas olhou-o com um ar de profunda mágoa, dizendo:

— William, você me conhece há nove anos. Nesse tempo todo, alguma vez me ouviu dizer uma mentira? Deus provará minha inocência.

— Irmão — retrucou William —, que posso saber sobre o que fez nos recônditos secretos do seu coração, para levar Satanás a ter controle sobre você?

Silas continuava encarando o amigo. De repente, seu rosto foi tomado por um rubor intenso e ele ia dizer algo de forma intempestiva, quando de repente pareceu sentir um choque, que o empalideceu e deixou trêmulo. Afinal, conseguiu falar, num sussurro, olhando para William.

— Agora me lembro... o canivete não estava no meu bolso.

William falou:

— Não sei do que você está falando.

As outras pessoas presentes, contudo, começaram a perguntar a Silas onde estava o canivete, mas ele não quis dar mais nenhuma explicação. Disse apenas:

— Estou muito chocado. Não vou dizer mais nada. Deus provará minha inocência.

Na volta à igreja, houve novas deliberações. Recorrer à lei para descobrir o culpado era algo contrário aos princípios da igreja do Pátio do Lampião, de acordo com os quais era proibido perseguir um cristão,

mesmo em casos que provocassem menos escândalo na comunidade. Mas os membros tinham jurado usar de outros meios para descobrir a verdade e resolveram se dedicar a rezar e a tirar a sorte. Tal decisão pode surpreender apenas as pessoas desacostumadas à vida religiosa obscura que se desenrola nas ruelas de nossas grandes cidades. Silas se ajoelhou ao lado de seus irmãos, certo de que sua inocência seria provada através da interferência divina imediata, mas já naquele momento sentindo no fundo do coração uma tristeza imensa, pois sua confiança no ser humano fora profundamente abalada. *Tiramos a sorte, foi declarado que Silas Marner era culpado.* Ele foi então solenemente suspenso da igreja e conclamado a devolver o dinheiro roubado. Apenas através da confissão, junto com uma demonstração de arrependimento, poderia voltar a ser recebido no seio de sua comunidade. Marner ouviu tudo em silêncio. Afinal, quando todos se levantaram para ir embora, dirigiu-se a William Dane, com a voz trêmula:

— A última vez que me lembro de ter usado meu canivete foi quando cortei uma tira de couro para você. Não me lembro de ter guardado de volta no bolso. Foi *você* quem roubou o dinheiro e montou essa farsa para jogar a culpa em mim. E pode ser que, com isso, você prospere. Não existe um Deus justo, que governa a Terra com rigor. Só um Deus mentiroso, que testemunha contra uma pessoa inocente.

Todos estremeceram diante daquela blasfêmia.

William limitou-se a murmurar:

— Deixo que nossos irmãos julguem se essa é ou não é a voz do Demônio. Só o que posso fazer é rezar por você, Silas.

E o pobre Marner saiu dali com aquele desespero, aquela descrença em Deus e nos homens que é quase a loucura para uma natureza bondosa. Em meio à amargura que lhe toldava o espírito, disse para si mesmo: "*Ela* também vai me renegar." E concluiu que, se Sarah duvidasse do testemunho dado contra ele, isso significaria que toda a sua fé estava abalada, como a dele. Para as pessoas acostumadas a pensar

em como sua religiosidade foi absorvida, é difícil penetrar naquele estado mental simplório no qual a forma e o sentimento jamais foram apartados por um ato de reflexão. Nossa tendência é achar inevitável que um homem na posição de Marner começasse a questionar a validade de se recorrer ao julgamento divino usando para isso um sorteio. Mas, para ele, tal questionamento seria um pensamento independente como jamais tivera antes; e Silas deveria tê-lo justamente quando todas as suas energias estavam voltadas para a angústia da fé desapontada. Se existe um anjo que registra os sofrimentos dos homens, assim como seus pecados, ele conhece bem a natureza e a profundidade da dor que emana de ideias falsas pelas quais ninguém é culpado.

Marner foi para casa e ficou sentado sozinho pelo resto do dia, atônito de tanto desespero, sem forças para ir até Sarah e tentar fazê-la acreditar que era inocente. No dia seguinte, se refugiou da descrença que o entorpecia entregando-se ao trabalho no tear, como era seu costume. Algumas horas depois, o pastor e um dos diáconos vieram lhe comunicar que Sarah considerava o noivado entre eles terminado. Silas recebeu a mensagem em silêncio, em seguida dando as costas aos mensageiros e voltando ao trabalho. Pouco mais de um mês depois, Sarah se casou com William Dane; e não passou muito tempo até correr entre os irmãos do Pátio do Lampião a notícia de que Silas Marner tinha deixado a cidade.